

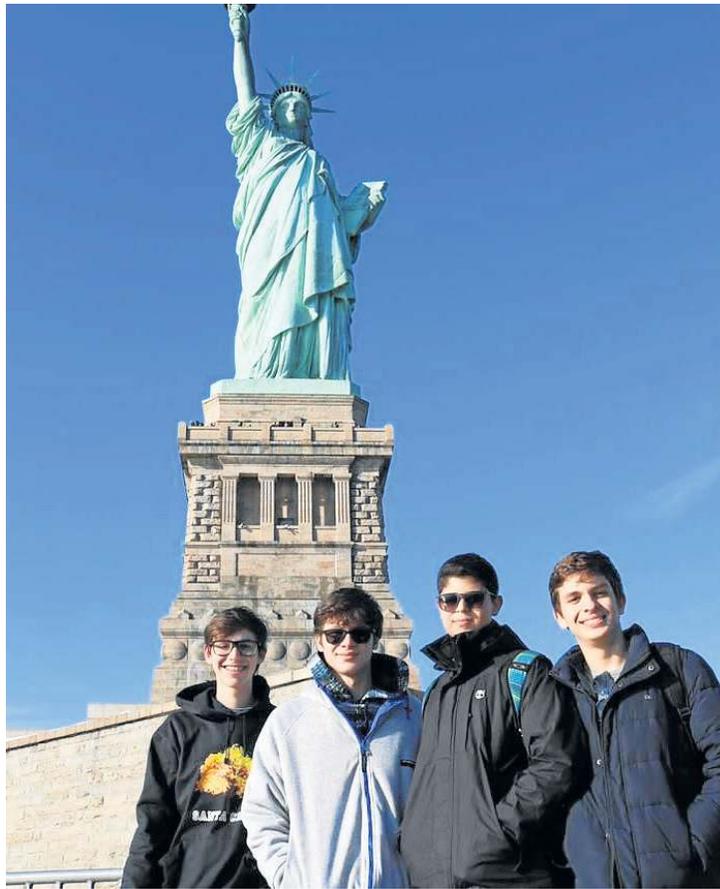
segundo maior destino, não é necessário fazer um visto, dependendo da duração do programa”, detalha Argenta.

Nova língua

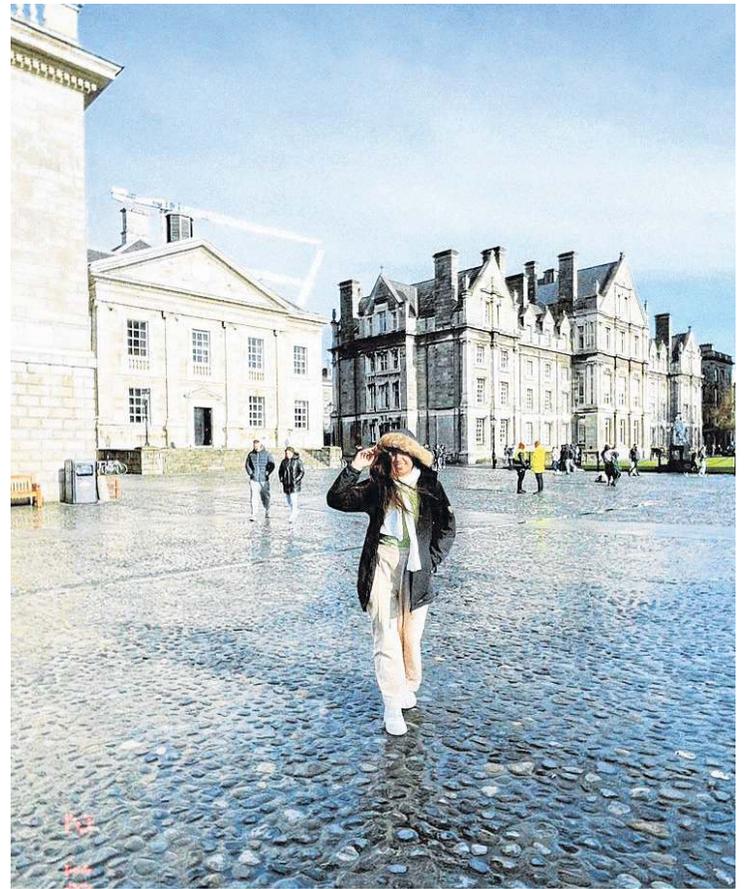
Em relação aos programas de intercâmbio mais comercializados, o primeiro lugar é do curso de idioma no exterior com duração entre duas semanas e quatro meses. O estudante de medicina Antônio Vitor, 22 anos, foi um dos brasileiros que optou por essa modalidade quando ainda estava no ensino médio. “Eu fiz um intercâmbio de 2017 para 2018. Eu estava saindo do primeiro ano para o segundo e fui estudar inglês em um campus da Education First em uma cidade próxima a Nova York, chamada Tarrytown”, conta. “A missão era aprender inglês. Fui para lá no final do ano e fiquei dois meses. A experiência foi maravilhosa, um aprendizado sem tamanho. Fiz muitas amizades e vivi momentos que vou levar para o resto da vida”, compartilha o futuro médico.

Em segundo lugar, a modalidade mais procurada é também o curso de idioma no exterior, porém, em conjunto com o trabalho temporário. Alexandre Argenta afirma que essa é uma opção para aqueles que têm o desejo de viver essa experiência, mas não têm muito recurso para investir. “Ter uma estrutura financeira sólida proporciona mais oportunidades, mas existem intercâmbios que combinam oportunidade de estudo com trabalho no exterior. O estudante que não tem um orçamento tão grande consegue ver que, com o planejamento correto, talvez durante seu próprio intercâmbio, ele consiga ter condições de pagar”, afirma.

Ana Carolina de Melo escolheu essa opção de intercâmbio justamente pelos altos valores necessários. “Eu escolhi a Irlanda justamente por ter a opção de estudar e trabalhar. Manter-se na Europa gastando em reais é quase impossível, especialmente porque, quando eu fui, o euro estava a 7 reais. Eu tinha muita vontade de conhecer outros países na Europa e a Irlanda é muito atraente nesse aspecto, porque o país é muito perto de tudo. A experiência foi muito boa, acho que todo mundo que faz intercâmbio volta com uma mentalidade diferente, pois você sai da sua zona de conforto, fica longe de todos que ama e precisa ser independente”, diz Ana.



Antônio Vitor e colegas de jornada em um passeio a Nova York



Ana Carolina de Melo em seu intercâmbio na Irlanda



Nicole Muniz (direita) com sua família anfitriã nos Estados Unidos

Au pair

Outro intercâmbio que vem se popularizando nos últimos anos é o de au pair (babá, na tradução). Neste programa, jovens entre 18 e 30 anos vivem temporariamente em um país estrangeiro enquanto trabalham como cuidadores de crianças para uma família anfitriã e recebem por isso. A dinâmica possibilita imersão cultural, aprendizado de um novo idioma e ganho de experiência no cuidado infantil.

“O programa de au pair é um dos mais acessíveis para intercâmbio. Com inglês adequado e experiência, a pessoa é quase totalmente financiada pela família anfitriã. O estudante paga apenas taxas administrativas iniciais e, no exterior, recebe um salário, o que significa que o participante nunca investe mais do que ganha durante o intercâmbio, tornando-o vantajoso economicamente”, explica o presidente da Belta.

O intercâmbio de au pair foi

a modalidade escolhida por Nicole Muniz, 20 anos. A intercambista aprendeu o idioma francês em 2020 enquanto morava no Canadá e, ao retornar para o Brasil, tentou aprender inglês, mas sentiu dificuldades. “Eu sentia que precisava estar imersa em um ambiente de língua inglesa para melhorar minha fluência”, lembra. Dessa forma, Nicole optou pelo programa de au pair, pois gostava de crianças e tinha o interesse de morar com uma família americana. “Tenho

uma relação aberta e amigável com a família e as crianças me respeitam. Mesmo fora do horário de trabalho, gosto de passar tempo com eles. Além disso, já consegui viajar bastante e estou planejando mais viagens. Estou economizando dinheiro e meu inglês melhorou muito. A experiência tem sido maravilhosa e extremamente gratificante”, reitera.

*Estagiária sob a supervisão de Marina Rodrigues